

PALÁCIO DAS LÁGRIMAS

Recebido: 09/05/2020 | Aprovado: 25/05/2020 | Publicado: 10/07/2020

DOI: <https://doi.org/10.18817/rlj.v4i1.2215>

Flávio P. Costa Júnior¹

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-2745-2539>

Resenha: FREITAS, Clodoaldo. **Palácio das Lágrimas**. São Luís: AML-EDUEMA, 2008.

O livro *Palácio das Lágrimas* é notavelmente uma crítica à escravidão oitocentista². Esta novela histórica foi escrita pelo piauiense Clodoaldo Freitas e é uma obra característica de seu período que reflete sobre acontecimentos históricos de forma literária.³ O *Palácio das Lágrimas* é uma novela que se vale de uma narrativa popular acerca de um casarão abandonado e que segundo a tradição era mal-assombrado.⁴ O autor se valeu de uma narrativa lendária que já existia no imaginário popular e a utilizou para fazer uma novela histórica que apontasse críticas severas à sociedade escravista de outrora.

¹ Formado em história licenciatura pela Universidade Estadual do Maranhão, mestre em história social pela Universidade Federal do Maranhão, atualmente é doutorando em história social da Amazônia pela Universidade Federal do Pará. É professor da rede municipal de São Luís e também é poeta com textos publicados em coletâneas literárias. E-mail: flaviopoeta@hotmail.com

² Trata-se de uma novela que foi publicada em folhetim no jornal *Diário do Maranhão* (São Luís), no ano de 1910. Já no ano de 2008, tal obra foi relançada pela Academia Maranhense de Letras e Universidade Estadual do Maranhão em razão do primeiro centenário de fundação daquela instituição. Assim foram reunidos todos os capítulos em um livro e se acrescentou algumas notas de rodapé para contextualizar, feitas por Jomar Moraes. Essa última versão é que se está utilizando para fazer esta resenha. É importante destacar, como lembra Jomar Moraes, que fez o prefácio desta edição (*síntese biobibliográfica de Clodoaldo Freitas*), que o prédio que a narrativa trata de fato existiu e até onde sabe ficou por muito tempo inabitado, de modo que no decênio de 1920 foi demolido e feito um prédio moderno que ainda hoje está de pé. O local já foi a escola Modelo e a faculdade de Farmácia e Odontologia da Universidade Federal do Maranhão. Há um projeto para que se torne um museu universitário.

³ Clodoaldo Severo Conrado de Freitas, nasceu em Oeiras (PI) no dia 7 de setembro de 1855, e faleceu no dia 29 de junho de 1924 em Teresina (PI). Estudou na juventude nas cidades de São Luís e Teresina e em 1870 se formou em direito pela Faculdade de Direito do Recife. Teve importância cultural no Maranhão e Piauí por ser membro fundador das Academias de Letras destes estados, respectivamente em 1908 e 1917. Dentre seus textos literários se destacam “O Bequimão, Esquisso de um romance maranhense” e o “Palácio das Lágrimas”.

⁴ Tal narrativa apresentava um português que morria, antes de alforriar sua amásia e seus filhos que eram escravos. E como escravizados não poderiam assumir herança, teve como consequência que o irmão do falecido assume a fortuna e começa a maltratar seus parentes que ainda eram estavam na condição de cativos. Mas um dos filhos do falecido descobre e mata o próprio tio. O sobrinho é condenado, mas não antes de amaldiçoar o prédio que onde tantas lágrimas foram derramadas e que por isso quem vivesse lá ou morreria de morte trágica ou ficaria louco.

Freitas desenvolve logo nas primeiras páginas de seu livro a identidade do personagem principal. Em diversos momentos de forma irônica, mas não sem consciência que tal personagem é uma representação direta da aristocracia oitocentista. Jerônimo de Pádua é o nome deste personagem. Ele era um contrabandista e que mesmo que imperassem as leis que vetassem o tráfico negreiro no período da narrativa (1848), ele introduzia escravaria negra em seu sítio, e não havia quem o pudesse conter, haja vista que os juízes recebiam propina sua. No que se refere ao aspecto particular da vida de Pádua é indicado que ele vivia amasiado com um mulata por nome Clemência e que tinha dois filhos e uma filha com ela. Ademais vivia com dois sobrinhos, filhos de suas irmãs, que trabalhavam para ele. Na sua casa havia escravas ao seu serviço e que também ele as abusava sexualmente:

Entretido no seu *magnífico harém*, o Pádua não tinha gosto pelo jogo, nem pela mesa, e, somente aos *domingos, depois da missa, que, como bom católico*, não perdia nunca, costumava sair, solenemente vestido de preto, em visitas a patrícios e amigos, e quase nunca almoçava em casa (FREITAS, 2008, p.16-17, grifo nosso)

O autor de modo sarcástico faz referência aos abusos sexuais do personagem por meio do “magnífico harém”, referindo-se ao lugar em que ficavam as “odalisca” no “palácio do sultão”. Este elemento islâmico da poligamia contrasta de imediato com a expressão “bom católico” que ia sempre às missas aos domingos. No parágrafo seguinte ao citado, Freitas aumenta suas ironias ao caracterizar o Pádua: “Era um *mouro* para o trabalho, um *usuário* feroz, um acumulador de dinheiro, rival do comendador Meireles, então o mais célebre negociante da colônia portuguesa do Maranhão” (p.17, grifo nosso). Tanto o termo “mouro” como “usuário” reforçam a crítica ao “bom católico”.

Um dia Pádua decide economizar e por isso, foi em seu “harém” (uma sala que só ele de homem podia entrar), onde ficavam suas escravas domésticas e decide tirá-las da função de fazer roupas para outros escravos (e que também serviam para seus deleites sexuais) e decide mandá-las para seu sítio no Tamancão. Logo elas se desesperam, pois é sabido que o trabalho doméstico era mais leve do que aquele no campo para os escravizados. Uma destas escravizadas estava grávida do Pádua e foi a ele pedir clemência para não ir para o sítio. Mas

este afirma que não é o pai do filho dela, porque segundo ele “filho de negra não tem pai” (FREITAS, 2008, p. 35), no que ela retruca, “até os cachorros têm pai”, “os cachorros, sim” e por fim ela desabafa, “É porque você é pior do que um cachorro, é um branco miserável e sem coração, um infame, um malvado” (p.35). Depois de ter dito isso, ela se atira ao mar e logo os tubarões a matam.

Ao chegar Pádua no sítio, foi ao feitor perguntar quais escravos haviam cometido alguma “infração”. O feitor reportava ao português quais eram os “erros” e quem os cometeu e Jerônimo de Pádua atribuía um castigo físico que ia desde 50 chicotadas a bolos (palmatórias nas mãos). Em um dado momento, o texto apresenta deleite do português ao ver os escravos serem punidos, de modo que o autor pondera: “A alma humana será, realmente, um sopro de Deus?” (FREITAS, 2008, p.40). Após aquele momento dos castigos, um dos escravos supliciados assassina o feitor. Como castigo recebeu 300 chicotadas. Após o castigo: “E com uma navalha cortou as carnes sangrentas e sobre a ferida derramou um caldo de pimenta malagueta e sal. Era o remédio usado nas feitorias para evitar inflamações dos ferimentos produzidos pelo chicote” (FREITAS, 2008, p. 42). Tudo nessa cena demonstra as atrocidades do sistema escravista: os assassinatos, os suplícios, os desmandos. Não por acaso que o autor demonstra as vítimas em um mesmo ambiente logo após o último castigo citado: “e ao lado da Sabina, o cadáver de Pedro Lemos [antigo feitor] e o corpo ensanguentado de José Carneiro” (FREITAS, 2008, p.43).

Mas parte significativa do texto é que o autor destaca que o domínio por parte dos senhores de escravo não somente era por meio da violência física, mas também por meio de alguns “agradados”, como por exemplo com promessa de alforria aos escravos que “servisse bem”. É assim com as escravas sexuais na novela, pois o Pádua não as forçava pela violência física diretamente, mas as “seduzia” (logicamente elas ao não “cederem” sabiam que poderiam ser castigadas). No caso após a morte do feitor, percebendo que a situação estava tensa entre os cativos, Pádua os mandou “vadiar”, ou seja, folgarem para que fizessem algo para se divertir. Estes foram fazer um samba. “Tinha uma palavra de afeto ora para um, ora para outro, e fazendo Margarida sentar-se junto a si, fez-lhe ver que a castigara por enredos de Pedro Lemos [o antigo feitor], um homem cruel que gostava de surrar os escravos” (FREITAS, 2008, p.48).

A história muda de rumo quando aparece a personagem Dona Anicota. Ela era esposa do capitão do navio em que os filhos de Pádua vieram. D. Anicota para assumir a fortuna do Pádua fez com que ele entrasse em sociedade econômica com o próprio marido, articulou-se para seduzir o Pádua, bem como fazia de tudo para evitar o casamento entre a filha (Estefânia) e o Sobrinho (Galdino) dele. D. Anicota tinha a intenção de casar suas irmãs com os sobrinhos do Pádua. Isto em razão dos filhos e a amásia dele não serem alforriados, logo não poderiam receber a herança (era constante do Pádua dizer que o plano dele era se casar com Clemência e reconhecer seus filhos, alforriando a todos, mas acaba por nunca fazer isso).

Como já foi referido anteriormente, o casarão citado como moradia do Pádua de fato existiu. E era conhecido como Palácios das Lágrimas em razão das lendas sobre tal prédio, e que inclusive é o nome da obra do Freitas. E a explicação para assim ser cognominado, na versão do referido autor, deve-se ao assassinato dos filhos pequenos da Anicota. Bartolomeu, escravo doméstico de Jerônimo de Pádua (e também filho não reconhecido) se apaixona pela mulata e escrava sexual de seu pai, Joaquina. Sendo repellido por ela e ao mesmo tempo denunciado ao pai por ela, Bartolomeu armou uma vingança macabra. Envenenou os filhos de Anicota e pôs a culpa em Joaquina. Logo ela foi sentenciada à morte na forca, por mais que ela negasse a autoria. D. Anicota, apesar desta tragédia, consegue casar os sobrinhos de Pádua com suas irmãs. Mas para ela ter posse da fortuna teria que impedir que ele alforriasse seus filhos e mulher. Para tanto ela contratou um escravo para assassiná-lo. O escravo era o José Carneiro, que intencionava fugir com sua esposa, pois não suportava mais os desmandos da escravidão. E efetivamente ele mata o Pádua, mas não consegue fugir e é preso e condenado à morte. Após a morte de Pádua, Estefânia, sua mãe e seus irmãos são maltratados por serem escravos pelos primos e por D. Anicota. De modo que são mandados para o sítio do Tamancão para o trabalho pesado. O autor preferiu não deixar claro o que acontece com Clemência, Estefânia e os irmãos. Um dia eles simplesmente sumiram do sítio do Tamancão: “ninguém soube nunca notícias deles. Teriam fugido? Teriam atirado-se ao mar? É o mais plausível” (FREITAS, 2008, p. 90).

Após tal acontecimento D. Anicota e família decidiram vender tudo e irem embora do Maranhão. A principal residência que tinha sido do Pádua ficou

estigmatizada no imaginário popular como um local que quem morava ficava louco ou tinha morte trágica. Deste modo o Palácio das Lágrimas tornou-se uma espécie de memorial da desgraça de Jerônimo de Pádua e sua família. Mais ainda, da tragédia que foi o sistema escravista brasileiro. A novela Palácio das Lágrimas é uma obra importante para se refletir sobre a temática da escravidão.